

Lazer restrito

Os espaços de lazer recentemente construídos na Zona Sul da cidade têm como ponto alto a valorização dos monumentos naturais mas pecam pela ausência de equipamentos que os integrem ao meio urbano. Na falta de serviços como pequeno comércio, instalações sanitárias etc., acabam sendo sofisticados jardins para uso exclusivo de uma faixa de população local muito restrita. Isso indica que, em termos da cidade como um todo, não representam senão reservas, áreas de preservação, cujo objetivo principal é aumentar o índice de valorização dos imóveis vizinhos.

Não me parece que em qualquer um dos três parques recém-inaugurados houvesse preocupação voltada para o uso realmente coletivo. Muito ao contrário, tais parques podem ser tomados como símbolo da grandeza e do esplendor paisagístico de uma administração voltada para o belo e o pitoresco.

Que se espera de uma área de lazer hoje no Rio? Que se torne o jardim das delícias dos palácios de cristal de 20 andares? Não seria mais razoável voltarmos a atenção para áreas mais comuns e integradas ao uso cotidiano, tais como: recuos, afastamentos, vilas, becos, largos, vãos e adjacências de viadutos, terrenos baldios e, principalmente, calçadas, e procurar minimizar os efeitos que o crescimento desordenado da cidade vem causando?

Lazer é antes de tudo sinônimo de humanização, qualidade da qual carece nossa cidade atualmente. É necessário encarar o lazer com uma filosofia que não desvincule as atividades recreativas das outras funções sociais. Não basta construir e inaugurar parques, belos e aprazíveis parques e deixar o equipamento urbano fora das preocupações. É importante lembrar que qualquer programa administrativo deve estar integrado ao planejamento global e voltado para os verdadeiros interesses da comunidade urbana como um todo. Orlando de Magalhães Mollica — Rio de Janeiro.

JB-7/2/79 CAD-B.